



## A ESCRITA E SUAS TECNOLOGIAS

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daniella Barbosa Buttler <sup>1</sup>

<http://lattes.cnpq.br/9453400621177333>

**Resumo:** Este artigo pretende discutir o papel da escrita na sociedade moderna, passando pela história da escrita, seus primórdios, pelas tecnologias e suportes utilizados, para chegar à contemporaneidade, propondo reflexões sobre o papel da sociedade no desenvolvimento de práticas de leitura. Este é, eminentemente, teórico e reflexivo. Trata-se de um recorte de práticas e reflexões propostas pelas teorias de Paulo Freire (1993) e Magda Soares (2002) aplicadas aos suportes, inclusive tecnológicos, ao longo do tempo.

**PALAVRAS-CHAVE:** escrita, tecnologia, suporte

**ABSTRACT** - This article intends to discuss the role of writing in modern society, through the history of writing, its beginnings, the technologies and supports used to reach the contemporary, offering reflections on the role of society in the development of reading practices. This text is eminently theoretical and reflective. It is a record of practices and reflections given by the theories of Paulo Freire (1993) and Magda Soares (2002) applied to supports, including technological ones, over time.

**KEY-WORDS:** handwriting, technology, support

Quem domina a palavra ou domina  
o mundo ou não se deixa dominar por ele.

Jack Brandão

### Língua: uma forma de linguagem

Define-se do ponto de vista linguístico a **linguagem** como a utilização dos códigos para comunicação, podendo ser classificada como verbal e não verbal: verbal

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP e professora no Colégio Humboldt - Deutsche Schule e no Centro Universitário SENAC - *Campus Santo Amaro*.  
[professoradaniellabarbosa.blogspot.com.br](http://professoradaniellabarbosa.blogspot.com.br)



quando usamos a palavra e não-verbal quando usamos sons, cores, gestos, imagens. Dessa forma, a linguagem pode ser também gestual, pictórica, musical, artística, cinematográfica e ainda outras.

Nesse contexto, define-se **língua** como a utilização de códigos verbais, escritos ou falados. Os demais códigos – sonoro, linguagem dos gestos e das mãos – são formas de expressão concorrentes.

A pintura rupestre, os petróglifos, pergaminhos, o codex, os papéis, o livro e o computador demonstram a evolução da escrita, no que se refere ao suportes utilizados. As intersecções entre as formas de linguagem e recursos como comunicação via internet marcam a evolução da humanidade.

Não se pode tratar da escrita, sem abordar a linguagem e a língua. Conservando apenas as grandes linhas, podemos distinguir, porém, entre as tentativas primitivas e nosso sistema alfabético e linguístico atual, três tipos essenciais: as escritas pictográficas, ideográficas e fonéticas.

2

---

### A história da escrita e a escrita da história

O que distingue a fase pré-histórica da fase histórica é a escrita, considerada, por nós, cientistas da linguagem, um **rudimento** tecnológico do homem, ao lado do fogo e da roda. Foi através da escrita que se concretizou o registro dos fatos, das ideias, das crenças, das ciências. Não menosprezemos, no entanto, o pensamento, sua articulação com a fala e a exteriorização das ideias oralmente, pois a capacidade de tê-los, de projetá-los e comunicá-los é o que nos tornou a espécie do *homo sapiens*.

Consideramos aqui, portanto, três marcos evolutivos na história humana que convergem com a história da escrita e da comunicação: a fala, a escrita e a tecnologia. Por mais que estejamos acostumados à língua escrita, ela não esteve sempre presente em nossas vidas, nem as tecnologias que permitem a leitura e a escrita, como caneta, papel, cadernos, óculos, impressoras, conversores de voz-texto. Mas começemos a tratar dos desenhos.



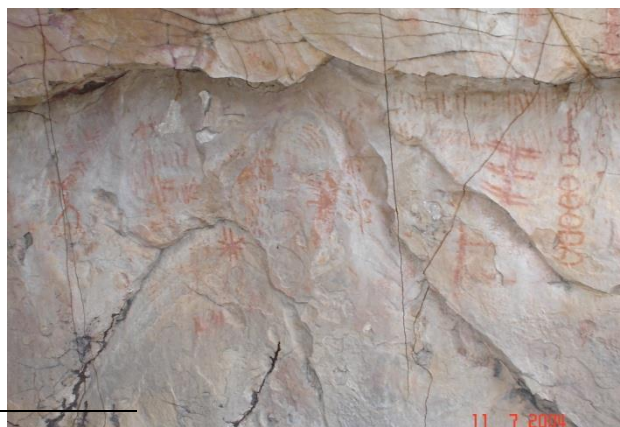
### A pintura rupestre

A pintura rupestre antecedeu a escrita humana, registrando, no fundo da caverna, as personagens dos fatos (não as ações), com o claro objetivo de preservação, pois a caverna, por ser um lugar seguro, era onde se protegia a vida e se preservava também o registro.

Essa foi a infância da escrita, podendo-se estabelecer uma relação com as fases da aquisição da escrita dos indivíduos em sociedade letrada, uma vez que tanto a criança<sup>2</sup> como a humanidade, em geral, registram, nas paredes, desenhos que representam, como afirmamos acima, as personagens dos acontecimentos. Essa é a escrita pictográfica<sup>3</sup>.



Existem no Brasil dois sítios arqueológicos importantes que preservam a



<sup>2</sup> Cabe ressaltar que em se tratando das crianças nativas digitais, que já nascem com acesso físico a celulares e *tablets*, a fase de rabiscos na parede tem diminuído, quiçá, sido excluída.

<sup>3</sup>No **Jornal Folha de S. Paulo** de 18 de julho de 2015, no Caderno Cotidiano 1, foi veiculada uma matéria sobre Pinturas e rochas do interior do Paraná feitas por indígenas que são depredadas: “Pré-História riscada”. A matéria relata o vandalismo em sítio arqueológico de Ponta Grossa (PR), os desenhos que retratam aves, figuras humanas e animais foram inscritos em formação rochosa e sobre eles há garranchos e pichações.



escrita pictográfica: Sete cidades e Serra da Capivara no Piauí.

Mas sigamos cronologicamente a história mundial da escrita.

Cerca de 3.000 a.C, surgiu a escrita ideográfica, que não utilizava apenas figuras associadas à imagem, mas sim uma ilustração que representava uma ideia.

Dessa evolução, surgiram os hieróglifos egípcios, as escritas sumérias, minóica e chinesa, da qual se derivou a escrita japonesa. Estas últimas, chinesa e japonesa, existem até hoje como escrita oficial.

### O meio é a mensagem?

A expressão “O meio é a mensagem” foi criada pelo sociólogo canadense Marshall Mc Luhan que se propôs a explicar os meios de comunicação e sua relação com a sociedade. Tal expressão é usada em várias áreas do conhecimento. Aplica-se também às concepções de escrita, leitura e letramento<sup>4</sup>, pois os suportes ajudaram a difundir a escrita e tornaram a sociedade letrada, propondo as seguintes reflexões: escrever e ler no papel, no chão, na tela são a mesma coisa? Isto será discutido no tópico “escrever à mão”, mas voltemos às fases históricas da escrita. Segundo Kleiman (2002, p. 2), “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Não é possível tratar das fases da escrita sem considerar os recursos para a ação e o suporte. Se na fase inicial da história humana os registros eram em cavernas, as outras fases tiveram, também, expressivos suportes.

Os babilônios escreviam em lajotas criadas especificamente para isso e criaram a escrita cuneiforme<sup>5</sup>; já os egípcios, com a cultura de preservação, preocupavam-se com a durabilidade do registro, por isso a inscrição em pedras e a criação de nova forma de escrita: os hierógrifos ou hieróglifos, muito utilizados em monumentos desse povo.

---

<sup>5</sup> Uma das escritas mais antiga do mundo. É produzida com o auxílio de objetos em formato de cunha.



E foram os egípcios que criaram os papiros, um suporte mais acessível e manuseável que as pedras. Com isso, a escrita egípcia nesses três mil anos foi facilitada: de hierógrifa para hierática e de hierática para demótica<sup>6</sup>.

Embora a oralidade predominasse no mundo egípcio, a escrita era muito valorizada, havendo profissionais específicos para essa atividade: os escribas<sup>7</sup>. Houve o desenvolvimento de uma escrita mais híbrida, que mesclada, precedeu a escrita fonética. Na criação de um alfabeto, busca-se uma correspondência entre símbolo (grafema) e som (fonema) para relacionar a uma ideia.

Se as primeiras formas de registro associavam o significante ao significado, a escrita alfabética tem um signo arbitrário, como bem ilustra o poema de Ziraldo:

Um dia, na parede de uma caverna  
Um homem desenhou um peixinho  
(que significava alguma coisa  
bonita que ele queria dizer)  
E que os hebreus, num outro dia,  
Chamaram peixinho Nun.  
Este desenho bem simples  
Passou para outras Escritas  
De outros povos mais jovens  
E foi ficando cada vez mais simples  
Até que outros homens de outros povos  
Inventaram o alfabeto. (ZIRALDO, 1983, p.7)

5

---

A palavra, o conceito pode não ser arbitrário, mas nosso alfabeto é. E o nosso, o latino é o mais usado no mundo. Foram os fenícios que adaptaram o alfabeto egípcio estabelecendo 24 sinais e, por serem os principais navegadores da antiguidade, difundiram o alfabeto fonético e influenciaram a criação dos outros alfabetos: o hebraico, o árabe, o grego, o cirílico (russo), o devanágari (hindu), o romano, entre outros. Dessa forma, com a combinação de poucos sinais, são representados todos os sons de uma língua. A língua oficial do Brasil é o português, idioma do ramo das

---

<sup>6</sup> Explicar: ao lado da escrita hieroglífica, é uma evolução da língua falada, mais simplificada em relação à hieroglífica.



línguas românicas, uma modificação do latim, mas nosso alfabeto é grego. O próprio substantivo é a junção de duas letras gregas: “alfa” e “beta”.

Mas a escrita ideográfica é a forma de registro em línguas orientais, e são necessários pelo menos cinco mil caracteres (ideogramas) para um registro de informações básicas.

Em São Paulo, é possível ver, lado a lado, as duas formas de escrita nas placas dos comércios da Liberdade, bairro tradicional japonês da cidade. Lá praticamente, todos os estabelecimentos têm seus nomes escritos em português e também em seus ideogramas. Por exemplo, ao lado da placa da lanchonete McDonalds, há o símbolo: マクドナルド

No processo de identificação do ideograma, mesmo sem conseguir lê-lo, o interlocutor pode fazer uma associação genérica que é uma tradução, uma equivalência, tal como acontece quando uma pessoa não alfabetizada em língua portuguesa identifica uma marca comercial pelo logotipo. Em culturas letradas, mesmo um analfabeto consegue ter algum grau de letramento.

6

Por outro lado, há pessoas que não sabem preencher um requerimento: são alfabetizadas, mas não letradas. Ou seja, uma pessoa alfabetizada pode ser considerada de baixo grau de letramento em determinadas culturas, se ela, apesar de distinguir os signos linguísticos, fica no primeiro nível da leitura, que é a **decodificação**, ou seja, decifração do código linguístico, identificação e correspondência entre letra e som, sem avançar para a **compreensão**. Um bom nível de letramento envolve entendimento do que leu, atribuição de significado, **interpretação**, estabelecendo sentido ao texto, levando em conta o contexto e o co-texto. Ainda se espera de um bom leitor, **extrapolação** do texto, considerada aqui como uma recriação, um diálogo ou polemização do texto.

Por esta última afirmação, consideramos incorreta a questão que muitos professores e livros apresentam: “o que o autor quis dizer?”, como bem ilustra um livro didático de Geografia do 4º ano do Ensino Fundamental I, “Presente Geografia”:



1) Releiam este trecho do poema.

“A cidade destrói, constrói,

Reconstrói.

Uma árvore, um bosque

Pronto – nunca mais.”

Na opinião de vocês, o que a autora quis dizer? (GUELLI; LINO, 2012, p. 75)

Para cada texto há várias leituras possíveis de acordo com alguns aspectos: textuais, culturais, contextuais, intertextuais.

### **O Caráter Social da Escrita e da Leitura**

A língua possui um caráter social. A concepção histórico-social entende a linguagem como produto da atividade humana. Nesse sentido, a linguagem não só é construída e apreendida no interior de um processo social, como ela própria pode se configurar mortal, por isso, ainda existem sociedades ágrafas, aquelas que não dispõem de codificação escrita, portanto um modelo de sociedade que está ausente o registro da fala. E neste caso passível de perder a peculiaridade da língua.

Sociedades ágrafas, existentes em tribos africanas e indígenas, não desenvolveram nenhum tipo de escrita. A escrita que foi na antiguidade privilégio de nobres é, hoje, necessidade e deve ser direito de todos, do ponto de vista global. Sabemos que para sociedades, em que há predomínio do oral, pode não ser urgente a necessidade de escrita e de leitura, uma vez que são ambíguas as expressões “deu sua palavra”, “minha palavra é um tiro”, presentes em várias culturas. Hoje, outra forma de registro da língua oral para fins de preservação, não de popularização, são os gravadores e a memória dos falantes.

A escrita foi e é uma forma de preservação da língua em suas modalidades: língua oral ou língua escrita. Outra distinção que se pode fazer é entre língua escrita formal e língua escrita informal. Como já afirmado, o desenvolvimento da escrita e o acesso a ela estão relacionados ao desenvolvimento das sociedades e culturas e, portanto, à exclusão e inclusão de seus cidadãos. Não dominar os rudimentos da escrita em uma sociedade letrada é estar à margem dela.



O programa da TV “Profissão repórter” do dia 21 de julho de 2015 surpreendeu a muitos, por demonstrar que ainda hoje há milhões de analfabetos e alfabetizados funcionais, mas precisamos distinguir esses termos e relacioná-los a outros: alfabetizados e analfabetos, letrados e iletrados. Por isso, é indispensável tratar de escrita e cultura, escrita e leitura, escrita e escolarização. Da mesma forma, práticas significativas que visem a construir conhecimentos com os alunos. E nos dias de hoje, como ter uma prática significativa sem o computador, a internet.

Mas voltemos à sequência histórica. Na Idade Média, a leitura era elitista, só os padres e reis tinham acesso à educação formal, não havia livros em abundância. Os documentos tinham de ser copiados um a um, só em conventos e igrejas. Antes da invenção da imprensa, a produção e reprodução dos manuscritos dificilmente eram idênticos. Nessa época, a escrita era sagrada, e os monges eram encarregados de copiar os livros da Igreja para pergaminhos.

8  
Certamente o livro lido na idade média também era algo novo e o novo é sempre algo que pode provocar medo. Tratava-se da implantação de uma nova tecnologia para o homem medieval chamada “livro”, de certa forma uma analogia, nos dias de hoje, com a computação e suas consequências.

Esse contexto pode ser observado no filme “O Nome da Rosa”, que retrata uma biblioteca na Idade Média. Estranhas mortes começam a ocorrer num mosteiro localizado na Itália durante a baixa idade média, onde as vítimas aparecem sempre com os dedos e a língua roxos. O mosteiro guarda uma imensa biblioteca, onde poucos monges têm acesso às publicações sacras e profanas. Comparadas às fases anteriores, nesse período há muita coisa escrita, mas ainda inacessível a grande parte da população. Ler era ser detentor de conhecimento para o bem ou para o mal. Haja vista que alguns livros eram considerados malditos. Da mesma forma que alguns conhecimentos inaceitáveis pela sociedade eram considerados bruxaria.

A invenção da imprensa, pós Gutenberg, revolucionou a escrita, alterou as formas de produção, modificou o letramento, isto é, o estado ou condição de quem participa de eventos em que tem papel fundamental a escrita. A produção escrita se tornou maior e mais acessível. Começava a era do conhecimento na Europa.





Mais recentemente, o computador pessoal revolucionou a escrita de escritórios e universidades, principalmente na área científica. Tornou-se o grande gerador de conhecimento. As páginas da internet se tornaram uma rede onde a maior parte da população mundial lê, escreve e se informa. Os textos das redes sociais, tão criticados por muitos linguistas e gramáticos, hoje já são vistas de outra forma. O hábito de postar em redes sociais e fazer comentários sobre os *posts* dos amigos ajuda a treinar a escrita, mesmo que de maneira informal. Dar palpite na vida dos outros ou em algum assunto do momento é uma excelente oportunidade para treinar a preparação de textos argumentativos. Ou seja, no mundo fora da escola e da sala de aula, existem infinitas formas de comunicação.

A evolução tecnológica promete novas práticas de leitura e escrita, consequentemente tornam-se mais aparentes as diferenças entre a cultura do papel e a cultura da tela. Mas como aponta Paulo Freire: “A leitura de mundo, precede a leitura de palavra”. Por isso, precisamos estar abertos a todas elas, de maneira somatória e não excludente. O espaço de escrita condiciona, sobretudo, as relações entre escritor e leitor, entre escritor e texto. Enquanto a escrita no rolo de papiro ou pergaminho impunha uma escrita e uma leitura sem retornos ou retomadas, no computador, o espaço de escrita é a tela. O que é mais importante, porém, é que a escrita na tela possibilita a criação de um texto fundamentalmente diferente do texto no papel – o chamado hipertexto. Para Soares:

A dimensão do texto no papel é materialmente definida: identifica-se claramente seu começo e seu fim, as páginas são numeradas, o que lhes atribui uma determinada posição numa ordem consecutiva – a página é uma unidade estrutural; o hipertexto, ao contrário, tem a dimensão que o leitor lhe der: seu começo é ali onde o leitor escolhe, com um clique, a primeira tela, termina quando o leitor fecha, com um clique, uma tela, ao dar-se por satisfeito ou considerar-se suficientemente informado – enquanto a página é uma unidade estrutural, a tela é uma unidade temporal. (SOARES, 2002)



O ensino da leitura e da escrita deve ser entendido como uma prática de um sujeito que age sobre o mundo para transformá-lo e para garantir sua liberdade. A educação é um ato político e permite que o estudante não seja alienado. De acordo com Freire (1983), o ato de estudar, por ser um ato curioso do sujeito diante do mundo, é uma forma de tornar-se curioso, social, histórico, fazedor, transformador.

A leitura e a escrita são processos complementares sim, mas distintos. São competências linguísticas que estão relacionadas, mas exigem estratégias de diferentes abordagens. Para o exercício da leitura, o sujeito lança mão de decodificação e também de seus conhecimentos prévios de mundo. Para Soares:

Enquanto as habilidades de leitura estendem-se da habilidade de decodificar palavras escritas à capacidade de integrar informações provenientes de diferentes textos, as habilidades de escrita estendem-se da habilidade de registrar unidades de som até a capacidade de transmitir significado de forma adequada a um leitor potencial. (SOARES, 2012, p. 70)

10

A leitura é importante porque fornece ao leitor modelos de estrutura de textos escritos. Se lemos um texto que começa com um “Era uma vez.....” sabemos que se trata de um conto de fadas. Se no meio de um texto, encontramos um subtítulo “Modo de fazer” sabemos que se trata de uma receita. Se na escrita há “data, saudação, vocativo”, sabemos que se trata de uma carta. Além disso, a leitura desenvolve o vocabulário, as ideias. O sujeito que lê bastante acaba tendo mais criatividade, um repertório mais enriquecido. Ler é uma das condições para escrever, é uma das formas de adquirir noção de gramática, coerência, coesão, noção de gênero pelo conhecimento das estruturas.

Se a leitura pode propiciar êxito dessa dimensão, tornam-se importantes os projetos de letramento que são criados para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas. Segundo Kleiman:

em instituições como a escola [...] concebe-se a atividade de ler e escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas, até se chegar a uma competência leitora e escritora



ideal, a do usuário proficiente da língua escrita. (KLEIMAN, 2007, p. 4)

Porém, para chegar a essa competência escritora ideal, é necessário considerar que a escrita demanda um domínio do assunto e do gênero. Quando escreve, é o indivíduo que está no comando, é ele quem estrutura cada frase, escolhendo o que usar e como usar. É o acervo do produtor que é acessado. Vários problemas podem levar um indivíduo a ter uma escrita formal não satisfatória. Até a própria leitura pode levar um indivíduo a escrever com alguma defasagem, considerando que ele seja um leitor só de gibis e redes sociais. Para Soares:

As habilidades de escrita, tal como as de leitura, devem ser aplicadas diferenciadamente à produção de uma variedade de materiais escritos: da simples assinatura do nome ou elaboração de uma lista de compras até a redação de um ensaio ou de uma tese de doutorado. (SOARES, 2012, p. 70)

11

É preciso verificar se essa leitura que ele está efetuando, é variada e é de qualidade. A leitura diária é, sim, uma necessidade para o letramento. Nem todo bom leitor torna-se bom escritor. Além disso, ler para escrever bem exige outra pergunta: de qual leitura estamos falando? Para fazer avançar a escrita, a prática não pode ser um ato descompromissado, sem foco. Pelo contrário: exige intenção e um encadeamento bem definido de atividades, que tenham como principal objetivo mostrar como redigir textos específicos.

Muitas vezes os alunos dominam o código, mas não têm competência linguística para escrever textos bem articulados. Isso se deve a problemas de duas naturezas: problemas de aprendizagem, como ortografia, assunto, tema vago, questões estéticas, falta de vontade, não fazer relação da aprendizagem da gramática com a produção de texto, acrítico. E problemas sociais, como televisão, *internet*, falta de hábito, falta de humildade, falta de leitura.

Ainda que a leitura seja essencial para impulsionar a escrita, não se desenvolve o comportamento de escritor sem enfrentar, na pele, os complexos desafios permanentes do escrever. Sobretudo porque os leitores, leituras e suportes são outros.



Estratégias de leitura e técnicas de escrita ajudam dentro e fora da escola. Mas aventurar-se a escrever já é o primeiro passo.

### Escrever à mão

Num mundo em que as pessoas fazem anotações no celular, acessam a *internet* para se comunicar com os amigos e familiares, ou seja, escrevem cada vez menos à mão, é natural que elas se preocupem com as suas escritas tanto na escola, na universidade, no trabalho, quanto fora de ambientes formais.

Defender a letra de mão parece estar na contramão de uma tendência. Afinal, estamos na pós-modernidade, quando tudo passa pelo computador. A letra manuscrita começa então a ser banida, mas ainda há os adeptos apaixonados.

Em São Paulo, por exemplo, há uma escola de caligrafia que existe desde 1915. O termo caligrafia vem do grego *kallos* (beleza) e *grafos* (escrita). Digamos que a nossa escrita é a caligrafia em sua forma popular! Em uma escola de caligrafia, aprendem-se as técnicas para escrever ao estilo comercial inglês, letra gótica ou simplesmente a letra cursiva. Os gêneros? Há muitos! Diplomas, cardápios e convites de casamento são alguns.

É claro que essa caligrafia ornamentada não existe mais no nosso dia a dia. E mesmo a caligrafia ao alcance de todos é recriminada por alguns pesquisadores, já que trabalhos manuscritos serão raros no futuro e escrever à mão seria então um retrocesso.

Entretanto, a letra de mão não vai acabar, pelo menos, não nesta geração, pois há migrantes digitais, aqueles que preservam a escrita à mão e ainda passam a técnica. Além disso, há situações nas quais precisamos escrever à mão. E quando faltar luz por um longo período? Como os usuários da língua se comunicarão em texto escrito? É fundamental escrever bem à mão também para superar gargalos ao longo da vida, como processos seletivos e concursos públicos. Os indivíduos que não usarem a letra cursiva ou bastão, não perderão só a caligrafia, deixarão de atentar para as normas cultas da escrita. Nas provas, os corretores não vão fazer esforço para entender o que os candidatos escreverem com letras difíceis de serem decifradas, por exemplo.



Então a tecnologia atrapalha o aprendizado? Não! Absolutamente! Os usuários da língua devem saber o contexto adequado para cada tipo de linguagem. É como escolher uma roupa. Ninguém vai a uma formatura de chinelo, ou pelo menos, não deveria ir. A *internet* faz sentido nas conversas instantâneas, quando os internautas se comunicam simultaneamente e têm de ser rápidos, por isso o *internetês* é aceitável nessa situação. Mas na escrita formal, não! Trata-se de um contexto diferente.

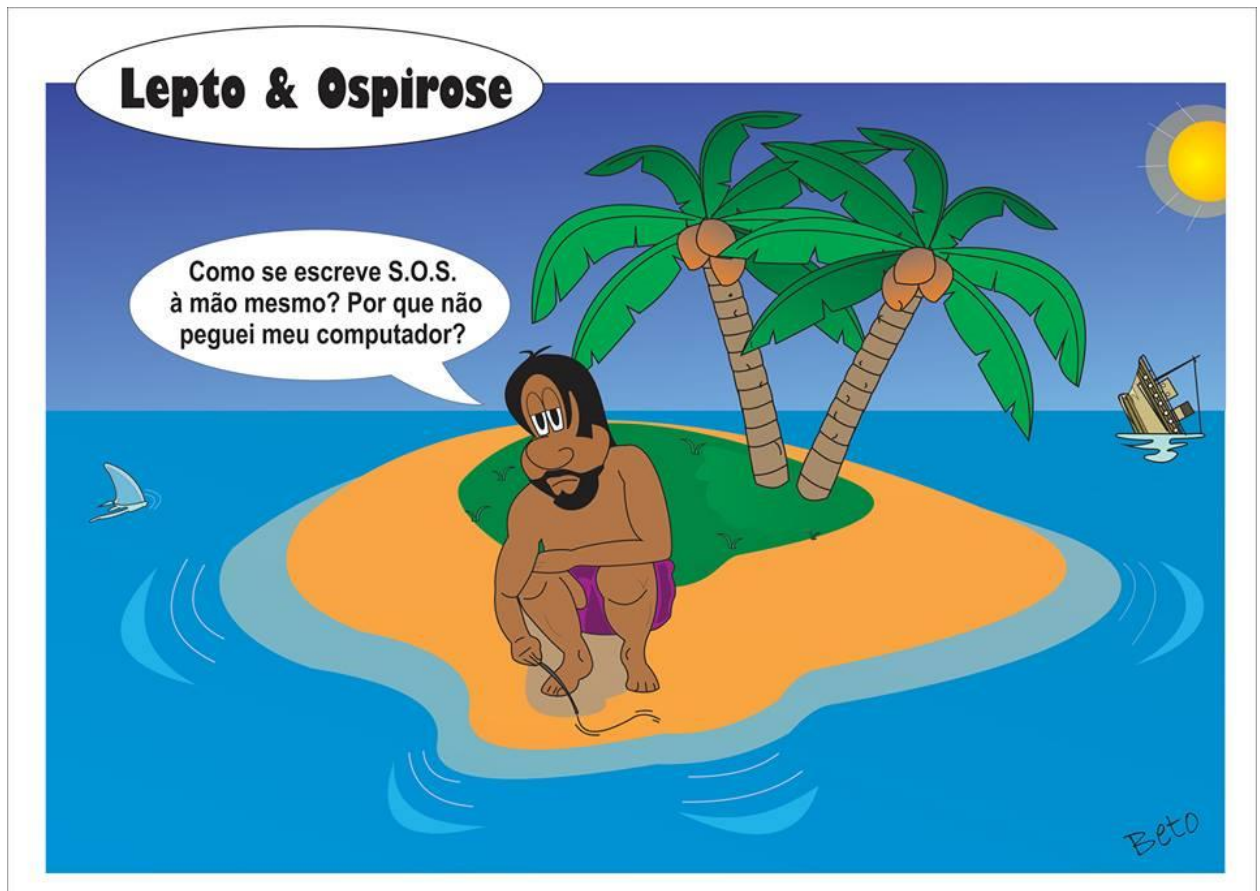
O jovem precisa desenvolver certas habilidades decorrentes da escrita como o desenho, por exemplo, e outras advindas da coordenação motora fina, que são correlatas. Para Soares:

Desse modo, a escrita engloba desde a habilidade de transcrever a fala, via ditado, até habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui a habilidade motora (caligrafia), a ortografia, o uso adequado de pontuação, a habilidade de selecionar informações sobre um determinado assunto e de caracterizar o público desejado como leitor, a habilidade de estabelecer metas para a escrita e decidir qual a melhor forma de desenvolvê-la, a habilidade de organizar ideias em um texto escrito, estabelecer relações entre elas, expressá-las adequadamente. (SOARES, 2012, p. 70)

13

---

A escrita deve ser estimulada em um momento específico do aprendizado, de forma a desenvolver as sinapses cerebrais na idade certa. Parece chato, porque a escrita manual demanda mais esforço e concentração do cérebro, favorecendo o processo de aprendizagem. Os textos, em certa fase da vida, devem ser, sim, escritos à mão. Mas o mais importante é conscientizar a criança e o jovem para um mundo repleto de novas tecnologias, onde o novo e o velho não são necessariamente excludentes.



### Considerações Finais

A invenção da escrita, ferramenta notável de comunicação, mudou a civilização. E evoluiu. Pois sempre esteve reservada a uma casta privilegiada. Os escribas, por exemplo, representavam um instrumento de poder e controle.

Quando o uso de alguns suportes se generalizou, surgiram outros mais fáceis de carregar, mais práticos. E isso é a tecnologia de cada época.

Pelo exposto, constatamos que o suporte da escrita mudou ao longo dos séculos e atualmente parece sofrer mais mudanças com os suportes tecnológicos e midiáticos. Um suporte não diminui a importância da escrita na sociedade letrada, concorre com as múltiplas possibilidades de leituras existentes. Sabemos que o hábito da escrita vem caindo em desuso à medida que o computador dissemina. E os entusiastas do



lápiz e do papel ainda se atormentam pois há escolas que se dedicam mais e mais à digitação em teclados.

O que aqui se pretendeu foi perseguir uma ampla compreensão de suportes de letramento, buscando como referência não apenas as práticas de leitura e de escrita no contexto de uma cultura do papel. Ou seja, buscou-se um novo sentido para o uso da escrita, consequência do surgimento, ao lado da cultura do papel, de uma cibercultura.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Jack. **Douglas e o livro de luz**. São Paulo: Lumen et virtus, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983.

GUELLI, Neuza Sanchez; LINO, Allyson. **Presente Geografia** . 3 ed – São Paulo: Moderna, 2012 – (Projeto Presente).

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática**. 9ª ed., Campinas, SP: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. (2007) **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Revista Signo.

MAZIERO, Humberto José. **Lepto & Ospiose**. 29 de maio a 04 de abril de 2014. Edição 945.

O NOME da Rosa. Direção Jean-Jacques Annoud. Alemanha / Itália / França. Ano: 1986. DVD (2h11min).

PRÉ-HISTÓRIA riscada. **Folha de S. Paulo**. Caderno Cotidiano, 18 de julho de 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/07/1657494-pre-historia-riscada-pinturas-feitas-por-indigenas-no-pr-sao-depredadas.shtml>>. Acesso em: 25 Jul. 2015.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica, 2012.



\_\_\_\_\_ **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** 2002.  
disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002008100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100008)> Acesso em 14 de agosto de 2015.

ZIRALDO. **A letra N e o nascimento da noite.** São Paulo. Melhoramentos, 1983.